

# ENTEXTUALIZAÇÕES CRIATIVAS DE DISCURSOS SOBRE RAÇA EM PRÁTICAS DISCURSIVAS MULTISSITUADAS NA PERIFERIA BRASILEIRA<sup>1</sup>

## CREATIVE ENTEXTUALIZATIONS OF DISCOURSES ABOUT RACE IN MULTI-SITED DISCURSIVE PRACTICES IN THE BRAZILIAN PERIPHERY

Thayse Figueira Guimarães<sup>2</sup>

[Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0379-1405>]

Luiz Paulo Moita-Lopes<sup>3</sup>

[Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3829-9824>]

DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v14i36.13242>

**RESUMO:** Este artigo tem como foco investigativo as *performances* de raça de Luan nas interações da *web* e na sala de aula. Luan é um garoto negro, que se identifica como gay. O estudo é parte de uma pesquisa etnográfica multissituada realizada com um grupo de jovens, estudantes do ensino médio de uma escola pública da periferia das Baixadas Litorâneas do Estado do Rio de Janeiro. O trabalho é guiado pelos pressupostos teóricos da *performance* e da entextualização. Na análise empreendida, investiga-se a circulação dos signos identitários de raça, em intersecção com significados de gênero/sexualidade, dando atenção ao que chamamos de entextualizações criativas, ou seja, às brechas que Luan encontra para reorganizar os sentidos referentes às práticas discursivas em que se engaja. As análises apontam que posicionamentos e *performances* identitárias inovadoras surgem em conjunto com visões essencializadas e sempre perceptíveis em meio a lutas e disputas. Por dar atenção às vidas móveis na “periferia”, pode-se dizer que este estudo explode as tradicionais fronteiras entre o “centro” e a “periferia”.

**Palavras-chave:** etnografia multissituada; *twitter*; sala de aula; raça; entextualizações; *performances*.

**ABSTRACT:** This paper focuses on Luan’s race performances both on the web and in classroom interaction. Luan is a black young man, who identifies himself as gay. The study is part of a multi-sited ethnographic piece of research on a group of high-school students in the state sector, in the ‘periphery’ of a town on the Rio de Janeiro

<sup>1</sup> Este texto foi primeiramente apresentado, em inglês, no volume 30 da AILA Review, no ano de 2017. A presente tradução foi feita pela autora.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Doutora em Linguística Aplicada (Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ). E-mail: [thaysefiguimaraes@gmail.com](mailto:thaysefiguimaraes@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor-Visitante da UNIRIO, Professor Titular da UFRJ, e Pesquisador do CNPq. PhD em Linguística Aplicada pela Universidade de Londres. E-mail: [moitalopes1@gmail.com](mailto:moitalopes1@gmail.com).

State north coast, Brazil. The paper is guided by performance and entextualization theorizing. The analysis draws attention to the circulation of racial identity signs, intersected with gender/sexuality meanings, bringing to light what we call creative entextualizations, i.e. the gaps Luan finds to re-organize the meanings in the discursive practices in which he is engaged. The analyses point to positionings and innovative identity performances which come up in conjunction with essentialized views, always perceptible amidst struggles and disputes. Because it draws attention to mobile lives in the 'periphery', this study may be said to explode the traditional boundaries between 'centre' and 'periphery'.

**Keywords:** Multi-sited ethnography; twitter; classroom; race; entextualization; performance.

## INTRODUÇÃO

Típicos da vida social contemporânea, os processos de mobilidade e (de) (re)territorialização, compreendidos como resultado de nossos tempos globalizados, tornaram-se fatores cruciais para o entendimento da enorme mudança pelas quais passam as condições das relações sociais atuais. Se a globalização está de fato associada a uma significativa mudança na mobilidade das pessoas, dos objetos, dos recursos linguísticos e culturais, suas consequências, entre outras, são os estreitamentos das ligações entre as práticas locais e os fluxos globais, vistos como responsáveis por nossas vidas translocais (APPADURAI 1996; BLOMMAERT, 2010). Com essa perspectiva como pano de fundo, este estudo investiga a circulação de discursos sobre raça em múltiplas práticas discursivas, priorizando a interconectividade, através de vários nós, de fenômenos aparentemente distintos e distantes na construção dos significados translocais.

A análise é parte de uma pesquisa etnográfica que envolveu um grupo de estudantes do ensino médio em uma escola estadual na "periferia" de uma cidade no litoral norte do estado do Rio de Janeiro. Essa investigação etnográfica levou em conta as ações discursivas desses estudantes tanto na escola como nas redes sociais *on-line*, no *Facebook* e no *Twitter*. Centra-se em uma perspectiva multissituada ou multilocalizada (MARCUS, 1995), na qual o pesquisador segue as correntes, as trajetórias e os fios de significados construídos nas práticas sociais, enfocando um determinado fenômeno investigado. Esse processo de pesquisa é, portanto, baseado na justaposição de lugares sociais, onde as práticas discursivas dos alunos são vividas e onde o pesquisador está envolvido com o traçar conexões (WITTEL, 2000) entre tais espaços e práticas. O objeto de uma investigação multissituada é definido pelo uso de diferentes métodos de pesquisa. Seguir as práticas sociais, os artefatos culturais ou as histórias de um grupo ou de uma pessoa é, segundo Marcus (1995), um modo de tornar tal abordagem possível.

Neste artigo, seguiremos textos e discursos produzidos por um dos estudantes, participante neste projeto de pesquisa, a quem chamaremos de Luan: um jovem negro, de classe trabalhadora e gay. Focalizaremos o modo como Luan constrói suas *performances* de raça em práticas discursivas tanto na escola quanto no *Twitter*, tendo em vista principalmente o modo como lida com o sentido de corpo, padrões de normatividade, estereótipos sociais e alteridades marginalizadas na negociação de suas *performances* identitárias. A investigação da circulação dos signos identitários de raça é realizada em interseção com significados de gênero e sexualidade (BARNARD,

2004; SULLIVAN, 2003), dando especial atenção ao que chamamos de entextualizações criativas, ou seja, as brechas encontradas por Luan para reorganizar os sentidos das práticas discursivas nas quais ele se engaja. Portanto, seguiremos Luan e seu engajamento no discurso da escola e nos fluxos de globalização da rede social. Argumentamos que as entextualizações de Luan, na repetição de signos identitários estereotipados de raça, são realizadas produtivamente através de uma micropolítica (FOUCAULT, 1979), que desafia posicionamentos privilegiados em suas relações inter-raciais com seus amigos na escola e no *Twitter*.

## 1. RAÇA COMO PERFORMATIVA

Entender as construções identitárias como performativas é crucial para a forma como teorizamos a raça. Seguimos Butler (1990) e seu argumento sobre a teoria performativa de gênero e sexualidade. De acordo com Butler (1990), as pessoas continuamente repetem atos performativos do gênero "masculino" e "feminino" e sua eficácia performativa impede a identificação do ponto de origem dessas identidades. Seu objetivo é desnaturalizar a diferença sexual e de gênero, observando como o gênero e a sexualidade são construídos pelos usos do corpo (PRECIADO, 2010). A filósofa usa o termo performatividade, incorporando as perspectivas de Austin e Derrida sobre os atos de fala, para declarar que a linguagem que se refere ao corpo não apenas o descreve, mas, no exato momento em que o nomeia, constrói aquilo que é nomeado.

Seguindo esse tipo de argumento, o gênero é performativo porque sua enunciação constitui a identidade que pretende ser (BUTLER, 1990). Para Butler (1990, p. 173)<sup>4</sup>, a ideia de que "o corpo generificado é performativo sugere que ele [o corpo] não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade". Ele é uma construção social, histórica, cultural e discursiva. Argumenta ainda que o gênero não é uma expressão de uma parte essencial do corpo, isto é, "não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero, [...] a identidade é performativamente constituída pelas próprias 'expressões' que dizem ser seus resultados" (BUTLER, 1990, p. 33)<sup>5</sup>.

Deste ponto de vista, o gênero é o efeito de uma estilização repetida da performance. Butler (1990) afirma que a "masculinidade" e a "feminilidade" não se referem ao que somos, nem às características que nos são inerentes. São efeitos discursivos produzidos pelas coisas que fazemos, dizemos e vestimos em nossas performances cotidianas. É na citação repetida das normas socialmente construídas, em sua iterabilidade, que o gênero (e as identificações em geral) adquire a aparência de substância sólida e imutável (PENNYCOOK, 2007). A perspectiva de Butler desmonta as conexões que supostamente atribuem ao gênero, ao sexo e ao desejo uma essência intrínseca ou um substrato biológico. Se as performances existem apenas na encenação, ela não poderá ser reduzida a uma natureza essencial. Há sempre a possibilidade de se apresentar de maneira diferente, ainda que haja restrições quanto à inauguração dos novos sentidos.

<sup>4</sup> Nossa tradução para "the gendered body is performative suggests that it has no ontological status apart from the various acts which constitute its reality" (Butler, 1990, p. 173).

<sup>5</sup> Nossa tradução para "there is no gender identity behind the expression of gender, [...] identity is performatively constituted by the very 'expressions' that are said to be its results" (Butler, 1990, p. 33).

Certamente, o constrangimento ao potencial de inauguração de significados inovadores de gênero / sexualidade é derivada da aparência de naturalidade que os roteiros heteronormativos possuem no senso comum, o que torna os significados alternativos problemáticos, porque falam para formas de vida não autorizadas, consideradas inferiores, desprezíveis ou menos humanas.

Ao interrogar os significados historicamente normativos de gênero pelo uso da noção de performativo, Butler nos fornece uma base filosófica que nos permite questionar outros significados sedimentados sociohistoricamente. Por exemplo, discursos raciais que historicamente posicionam as pessoas negras como possuindo uma raça inferior. A noção de performativo, então, tem implicações relevantes não só para o entendimento das identificações de gênero e de sexualidade, mas também para a compreensão das racializações da subjetividade (COSTA DE PAULA, 2010). Tanto a raça quanto a sexualidade surgiram como conceitos classificatórios entre os séculos XVII e XVIII e são constitutivos de nossa vida social até os dias de hoje.

A popularização de tais ideias durante o Iluminismo fomentou uma crescente preocupação com a pureza racial e o medo da miscigenação. Não é difícil entender como a racialização do mundo colocou socialmente muitos indivíduos em posições subalternas. A ideia de raça mantém-se ainda como um atributo biológico e uma posição social cristalizada no imaginário social, apoiada na superioridade de um grupo racial socialmente construído sobre outro. Em particular, segundo Guimaraes (2003), a discriminação racial contra os negros, suas condições econômicas desiguais e imagens estereotipadas da África geralmente permanecem sem contestação no senso comum.

Em concordância com Guimarães (2003) e Costa de Paula (2010), entendemos que a raça é um discurso sobre a origem social de um grupo, que é continuamente repetido nas práticas sociais quando as pessoas estão posicionadas em termos de características físicas, qualidades morais e intelectuais etc. Os processos de materialização do corpo negro derivam de insistentes e repetitivas práticas de construção de significados (estereótipos, declarações, piadas e mitos racistas) que desenham um campo de inteligibilidade para esse corpo. Assim como o gênero e a sexualidade, a raça é também efeito discursivo, ou seja, um conceito que atua por meio de discursos racistas cristalizados na construção dos indivíduos, seus corpos e seus modos de vida (BHABHA, 2007 [1994]). Essa perspectiva teórica abre a possibilidade de abandonar significados sedimentados sobre as raças, principalmente os discursos que constroem as pessoas negras como tendo uma identidade racial definida e essencializada, para além de suas peculiaridades históricas, sociais e locais (COSTA DE PAULA, 2010; GUIMARÃES; MOITA-LOPES, 2016).

Portanto, raça é também a materialização de um discurso performativo, que não está desassociado da materialização do gênero e da sexualidade. Essa é a razão pela qual vários teóricos enfatizam a relevância de estudar as interseccionalidades de gênero, sexualidade e raça - uma visão derivada das Teorias Queer (SOMMERVILLE, 2000; SULLIVAN, 2003; BARNARD, 2004; por exemplo). A questão não está relacionada à especificidade da opressão racial ou étnica como outra variante ao lado da sexualidade e da opressão de gênero. A relevância está na análise da mútua constituição performativa de gênero, sexualidade e raça, que é entendida como "a sexualização da raça e a

racialização do sexo” (PRECIADO, 2010, p. 52).<sup>6</sup> Esse é um ponto teórico fundamental para entendermos as performances identitárias de Luan: um jovem negro que se posiciona como gay em suas redes sociais on-line e na escola. Assim, ao nos concentrarmos nas performances de raça de Luan, estamos interessados em como o jovem opera com signos identitários de gênero, sexualidade e raça ao se envolver em práticas comunicativas, tanto na sala de aula quanto no Twitter.

## 2. A NATUREZA CONTEXTUALIZÁVEL DOS DISCURSOS

Os discursos materializados em textos passam por sucessivos processos de entextualização. Como Blommaert (2005) argumentou, os textos viajam seguindo trajetórias através de diferentes contextos. Nessa visão, um “pedaço de texto” ou “excerto”, como objeto semiótico, pode ser extraído de seu contexto original de uso e materializado em um novo contexto (BLOMMAERT; VARIS, 2014). Também sublinha o fato de que, quando um ‘mesmo’ texto é transportado para além de seu contexto ‘original’, o texto passa por amplos processos de mudança na construção dos seus sentidos (BLOMMAERT, 2005).

Nesse sentido, os discursos materializados em textos são suscetíveis de serem removidos de seu ambiente interacional / contextual original e replicados em outro, tornando-se outro texto e assim por diante (BAUMAN; BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2010). O texto é remodelado, renarrado, reenquadrado e a entextualização torna-se a própria viagem textual. Segundo Silverstein e Urban (1996), esse processo, em termos gerais, é parte da “história natural dos discursos”. Quando transportados, os textos são negociados através de processos interpretativos com base em sistemas sociais e históricos estabilizados. Interpretações específicas surgem e os textos são renomeados e reenquadrados no encontro interacional, constituindo certas redes de significados repetidas ao longo do tempo. O foco na linguagem em uso é, assim, ampliado para além dos eventos comunicativos específicos circunscritos para o estudo do texto percorrendo múltiplas trajetórias. A mobilidade pode então explicar novas interpretações contextuais cada vez que a entextualização-descontextualização-recontextualização e os signos identitários (WORTHAM, 2006) estão em ação.

A dimensão entextualizável e móvel desses recursos semióticos, culturalmente disponíveis, ajuda-nos a entender, em diálogo com Butler (1990), que as *performances* de identidade são “estilizações repetidas do corpo” (p. 43)<sup>7</sup>. Portanto, as identificações de Luan são constituídas por sucessivas repetições de signos de identidade (WORTHAM, 2006), que, através da entextualização, são transportados de um contexto para outro (SILVERSTEIN; URBAN, 1996). Nessa trajetória, é possível visualizar a performatividade da linguagem sendo encenada, pois, na jornada textual, os traços contextos anteriores são mantidos, ao mesmo tempo em que a novidade, a criatividade e a mudança de significado pode florescer (PENNYCOOK, 2007).

Essa perspectiva, portanto, rejeita uma descrição ou análise simplificada, que opera apenas dentro das fronteiras linguísticas. Portanto, ao focar a circulação de

<sup>6</sup> Nossa tradução para “the sexualization of race and the racialization of sex” (Preciado, 2010, p. 52).

<sup>7</sup> Nossa tradução para “the repeated stylization of the body” (Butler, 1990, p. 43).

discursos sobre raça nos movimentos interacionais de Luan, serão consideradas não apenas os recursos semióticos usados em suas próprias interações (como veremos na próxima seção, em seu post no *Twitter*), mas também como essas unidades semióticas constroem contextos que produzem relações históricas, culturais, políticas e de identidade translocais. Em outras palavras, a questão a ser problematizada refere-se ao modo como esses textos circulam e são recontextualizados em diferentes contextos interacionais, orientados por fluxos translocais (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Portanto, o que importa é entender como os sujeitos sociais aceitam, respondem e refutam tais textos em circulação, ou seja, como os participantes das práticas interacionais aderem aos textos produzidos por Luan e evocam signos de identidade. A fim de entender melhor as entextualizações de Luan, apresentamos a natureza multissituada desta investigação, procurando destacar aspectos contextuais e questões metodológicas.

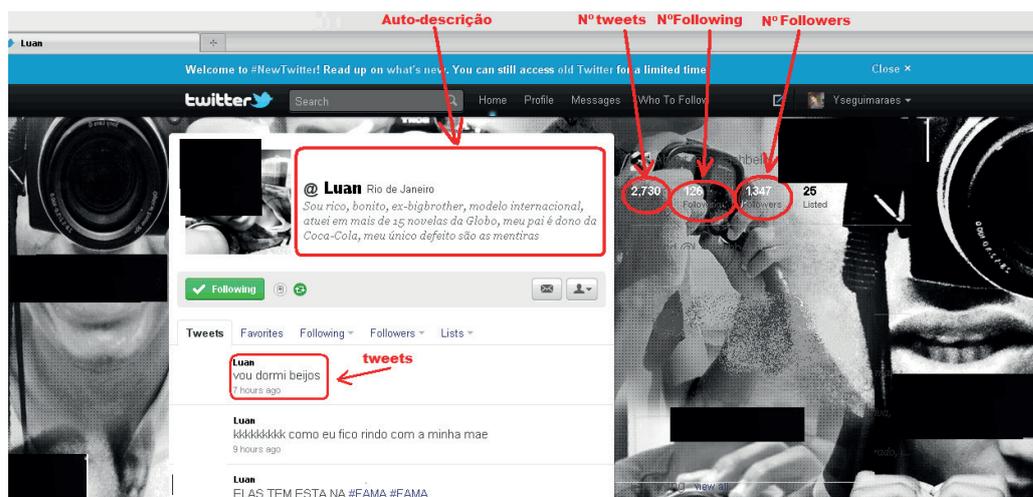
### 3. NOTAS SOBRE O CONTEXTO DE PESQUISA, SOBRE LUAN E SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Parte dessa pesquisa ocorreu em uma escola estadual, situada na periferia de uma cidade no litoral norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Conseguimos entrar nessa escola depois de falar com a diretora da escola no início de 2011. Durante a pesquisa etnográfica, o grupo mais receptivo a presença de um dos pesquisadores<sup>8</sup> em sala de aula e também no mundo virtual foi uma turma do terceiro ano do turno da manhã, a que nos referiremos como Turma Y. Nesse grupo, um dos estudantes, Luan, chamou a nossa atenção por suas *performances* identitárias tanto na escola como nas redes sociais, e também pelas lutas *performativas* em que ele se envolvia na construção de seu gênero, sexualidade e raça.

Na época da pesquisa, Luan tinha 18 anos de idade; além de ser um usuário do *Twitter*, ele também possuía conta no *Facebook*, *Orkut*, *Tumblr*, *MSN* e *Youtube*. Nessas redes sociais, Luan recorria a recursos de edição de imagens que lhe proporcionava um perfil bastante diferenciado em seu grupo. Ele estava muito familiarizado com as redes sociais e, portanto, com os fluxos da globalização, apesar do fato de estar geograficamente e socialmente localizado na "periferia" de uma pequena cidade no interior do Brasil. Seu perfil combinava o uso de fotos que envolviam edição de imagens e técnicas de montagem, com foco em partes do corpo, como os olhos, a boca e o peito. Sua autodescrição textual (veja sua autodescrição abaixo na figura 1) relaciona-se com as imagens editadas e com todos os outros recursos interacionais na página, como *tweets* (seus posts), o número de *tweets*, de *following* (pessoas que segue) e *followers* (seus seguidores) (veja a figura 1 abaixo). Essa construção de seu perfil é cuidadosamente projetada e mostra o quão habilidoso ele é como usuário do mundo digital.

<sup>8</sup> A pesquisa aqui relatada baseia-se na tese de doutorado de Guimarães (2014).

Figura 1: Perfil de Luan na rede social Twitter



Fonte: Twitter

**Excerto 1:** Autodescrição de Luan no Twitter

@Luan Rio de Janeiro

Sou rico, bonito, ex-big brother, modelo internacional, atuei em mais de 15 novelas da Globo, meu pai é dono da Coca-Cola, meu único defeito são as mentiras.

Suas postagens atendem às expectativas de um grupo sociocultural no *Twitter*, em especial, daqueles que querem se tornar populares por terem um grande número de seguidores. Luan é seguido por 1347 pessoas, um número consideravelmente maior do que o número de pessoas que ele segue (126). Além disso, o número de *tweets* que ele havia enviado até então era grande: 2730. Tais pistas semióticas sinalizavam um tipo de perfil que é típico dos usuários populares do *Twitter*: muitos seguidores, mas poucos seguidos e muitos *posts* enviados/lidos. Além disso, suas fotografias editadas privilegiam partes de seu corpo e destacam sua identificação como uma pessoa sensual naquele espaço. Esta associação é muito comum entre as celebridades, que têm suas imagens exibidas em capas de revistas impressas ou *on-line*. Além disso, em seu texto autodescritivo, Luan faz uso de recursos linguísticos que parodiam as *performances* de celebridades. Ele insere elementos que apontam para vozes de status social superior, que circulam nas redes sociais internacionais, em oposição às vozes de pessoas comuns como ele. A referência ao seu status social ("rico"), à sua aparência ("bonito"), à sua fama ("ex- big brother", "modelo internacional", ator de novela) sinaliza os valores sociais que orientam os discursos que mobiliza nas escalas espaçotemporais dessa interação, embora deixe o leitor saber que está mentindo ("mentiras são meu único problema"). A paródia é assim explicitada. A combinação de tais recursos evidencia sua consciência metapragmática do jogo que está jogando, o que lhe permite posicionar reflexivamente suas ações discursivas nos acontecimentos e construir-se como pessoa popular nesse território.

Luan também usava com frequência o *Facebook*, publicando mensagens e fotos. Nessa rede social, suas *performances* identitárias incluíam uma autodescrição positiva e ousada (ver figura 2 abaixo). As fotografias também foram editadas de tal modo que o foco de atenção estava em seu corpo (ver figura 2 abaixo). Tais recursos ajudaram-no a constituir um *ethos* interacional que, tal como em suas interações no *Twitter*, privilegia a sua sensualidade.

Figura 2: Post de Luan na rede social *Facebook*.

Fonte: Facebook

### **Excerto 2:** Autodescrição no Facebook

Luan

Eu sou aquele pretinho que incomoda, que faz a moda, o mais bonitinho da roda. Sou cobra criada, vaso ruim de quebrar.

Esse *post* gerou muitas curtidas e comentários sobre suas identificações de gênero, sexualidade e raça, em resposta à forma como ele se apresenta. Na postagem do *Facebook* acima, Luan encena uma *performance* que traz efeitos discursivos específicos de identificação. Aqui, Luan é um jovem negro e atraente. Essa interseccionalidade está presente em suas interações. A divulgação de seu corpo como desejável e belo corresponde às expectativas próprias das interações *on-line*, nos quais há uma tendência a supervalorizar a aparência e as imagens corporais. Nesse espaço, o que importa é ser visto. Além disso, Luan utilizava o *MSN* e o *Skype* quase todos os dias para entrar em contato com amigas e amigos. Ele se orgulhava de possuir mais de 2000 amigos no *Skype* e no *MSN*, quase 2000 amigos no *Facebook* e 1347 seguidores no *Twitter*, como já mencionado. Já na sala de aula, sua participação era praticamente nula.

Desde o início da investigação, notamos que Luan se aproximava de um *ethos* interacional que privilegiava as práticas das interações *on-line* em detrimento das práticas da escola. Esse fato era continuamente criticado pelos professores. Além disso, em nossas observações etnográficas e entrevistas, pudemos ver que a participação de Luan na sala de aula era fortemente criticada por Renan, o professor de redação, bem como por outros professores, que relacionavam o fraco desempenho de Luan em suas aulas ao seu intenso uso das redes sociais. Isso acontecia principalmente porque a participação de Luan nos letramentos da escola não levava em consideração o que

contava como letramento para seus professores, isto é, escrever no chamado português padrão. Portanto, suas notas eram baixas e ele era constantemente repreendido. Considerado um aluno regular, Luan participava pouco das discussões em sala de aula, embora fosse um participante ativo nas redes sociais *on-line*, conforme mencionado acima. Sentava-se no fundo da sala, perto de um dos pesquisadores, o que possibilitou ouvir seus comentários sussurrados e suas interações com os colegas de turma.<sup>9</sup>

Com base na teorização da *performance* e na dinâmica das entextualizações, bem como nos dados gerados em ambos os espaços etnográficos (sala de aula e *Twitter*), agora nos concentramos na análise das *performances* identitárias de Luan. Levaremos em conta que no mundo virtual as identificações são construídas com uma variedade de pessoas. Tal característica torna os contextos da rede mais dinâmicos, imprevisíveis e contingentes. Nossa análise lança luz sobre os movimentos interacionais nos quais Luan negocia significados sobre corporalidade negra, beleza e embranquecimento, tanto na sala de aula quanto no *Twitter*. Selecionamos particularmente essas cenas porque chamam a atenção para as lutas performativas de Luan na construção dos efeitos de sentido em torno de seu corpo e de suas identificações raciais, levando em conta tanto as restrições sociais quanto sua agência individual.

#### 4. ANÁLISE DAS ENTEXTUALIZAÇÕES: PERFORMANCES DE RAÇA NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE LUAN

Ao nos concentrarmos em como como Luan entextualiza os discursos sobre raça nas práticas de letramento digital e escolar, ao construir suas *performances* identitárias, refletimos sobre como ele projeta significados sobre seu corpo negro e como se reconhece como pertencente a uma raça. É relevante, portanto, compreender como Luan age das maneiras exigidas por essas identificações em práticas comunicativas específicas.

Na análise dessas práticas discursivas, levaremos em conta as pistas de contextualização (GUMPERZ, 2002 [1982]) e os *footings* (GOFFMAN, 2002 [1979]). As pistas de contextualização são, em termos mais amplos, todos os signos verbais e não verbais que permitem a sinalização contextual / indexical através das quais os participantes em uma interação podem entender o que está acontecendo, uma vez que os contextos não são dados. Como será apresentado, discutiremos as pistas de contextualização em termos de seus valores indexicais a partir de Collins (2011). Nesse caso, quaisquer traços da forma linguística e/ou não linguística (por exemplo, os gestos, posturas corporais etc.), que contribuam para assinalar as pressuposições contextuais, podem ter funções de contextualização.

Portanto, pistas de contextualização explicam as estratégias comunicativas usadas pelos interlocutores para indicar metapragmaticamente como querem dizer o que dizem e como querem que aquilo seja entendido. Os significados das pistas de contextualização só podem ser compreendidos no processo de contextualização interacional.

<sup>9</sup> Os dados foram gerados por 10 meses (de março a dezembro de 2011), através dos seguintes procedimentos: observações das interações no Turma Y, observações das interações de Luan no Facebook e no Twitter, gravações em áudio das interações em sala de aula, arquivamento de interação no social redes, notas de campo que foram transformadas em diários, relatos de professores e alunos e entrevistas individuais.

Bauman e Briggs (1990), em uma perspectiva similar, também chamam a atenção para a relevância de se focar na contextualização das *performances*.<sup>10</sup> Com referência à noção de pistas de contextualização, Bauman e Briggs (1990, p. 69)<sup>11</sup> argumentam que “a análise baseada na *performance* tem um papel fundamental a desempenhar ... na qual pistas de contextualização poeticamente padronizadas são realçadas na *performance*”. Consequentemente, seus estudos focalizaram “os detalhes textuais que iluminam a maneira pela qual os participantes estão construindo coletivamente o mundo ao seu redor” (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p. 69), o que implica uma visão de *performance* também centrada na contextualização.

Na análise da interação face a face, Gumperz (2002 [1982]) listou um conjunto de pistas que têm a função de contextualização. Entre outras, destacam-se: mudança de código, prosódia, escolhas lexicais e sintáticas, escolhas paralinguísticas, etc. Embora esse autor tenha se concentrado na interação face a face, argumentamos que tais pistas têm também potencial teórico-analítico na interpretação de interações *on-line*. Entretanto, como postula Wittel (2000), algumas das pistas típicas dos encontros face a face não estão acessíveis no espaço virtual e outros elementos precisam ser considerados. Por exemplo, é necessário prestar atenção às funções de contextualização dos *emoticons* (imagens gráficas como corações ou rostos tristes / felizes, entre outros, que expressam algum tipo de emoção), das *hashtags* (# precedendo uma palavra para sinalizar um rótulo), das marcas expressivas de pontuação, das letras maiúsculas, das letras coloridas, etc. É uma lista aberta, possivelmente interminável, tendo em vista todos os tipos de recursos semióticos que os interlocutores podem usar nessas interações.

Pistas de contextualização são cruciais na compreensão dos *footings*, projetados pelos participantes tanto nas interações *on-line* quanto nas interações face a face, embora Goffman (2002 [1979]), assim como Gumperz (2002 [1982]), tenham desenvolvido essas noções tendo em vista apenas as interações face a face. Uma mudança de *footing* ocorre quando o alinhamento, o posicionamento ou a projeção do “eu” de um participante está de alguma forma em questão. Em outras palavras, os interlocutores se realinham em interação quando reajustam seu status de participação. A observação de um conjunto de *footings* projetados pode possibilitar a análise das entextualizações dos discursos de raça, culturalmente sedimentadas nas interações de Luan, ao negociar sentidos legítimos em suas interações e *performances* identitárias. Nessas relações, o poder e as assimetrias entre os participantes podem dar origem a lutas no processo de cristalização de significados e podem impactar diretamente na mobilização de recursos semióticos (SILVERSTEIN; URBAN, 1996).

<sup>10</sup> Butler segue uma visão Austiniana e Derridiana do performativo / performatividade para entender como fazemos as *performances* de gênero, assim como discutido anteriormente. No entanto, Bauman e Briggs (1990), na antropologia linguística, usam o conceito de *performance* para se referir a eventos narrativos que são diferentes de outros eventos comunicativos, porque envolvem *performance* artística (a função expressiva ou poética da prática narrativa). Segundo Bauman e Briggs (1990), a função poética chama a atenção para a ação linguística situada. Ambas as perspectivas, no entanto, centram-se nos aspectos emergentes dos eventos de *performance*, particularmente na experiência cultural.

<sup>11</sup> Nossa tradução de “performance-based analysis has a key role to play ... in that poetically patterned contextualization cues are highlighted in performance” (Bauman; Briggs, 1990, p. 69)

Por fim, em acordo com Collins (2011), argumentamos que as pistas de contextualização - um construto teórico que enfoca os detalhes microinteracionais - podem ser fundamentais para investigar fenômenos macrosociológicos. Tal como Collins (2011), acreditamos que a análise das pistas de contextualização pode contribuir para pesquisas que enfocam processos de construção de significado que vão além dos limites das interações situadas localmente, por causa de seus valores indexicais. Como argumentam Blommaert e Maly (2014, p.4),<sup>12</sup> “[...] a indexicalidade é a dimensão do significado na qual as características textuais ‘apontam para’ (indicam) significados contextualmente recuperáveis”. Dessa forma, entendemos que tal construto evidencia a complexidade dos processos interacionais, nos quais escolhas lexicais, gramaticais, fonológicas, entonacionais, de qualidade de voz, de alinhamento, entre outras, estão em interface indexical com significados sócio-historicamente sedimentados.

## Uma interação no *Twitter*

O trecho abaixo foi tirado de uma interação no *Twitter* entre Luan e Moreira, um dos colegas de classe de Luan. Moreira, um adolescente branco, que se posicionava como heterossexual na interação em sala de aula e na Internet, tinha o costume de comentar os *posts* de Luan. Luan, no entanto, quando entrevistado na pesquisa, afirmou insistentemente que Moreira era um garoto gay no armário. O excerto abaixo mostra Luan negociando significados sobre sua *performance* de raça, respondendo a uma questão levantada por Moreira na interação no *Twitter*. De acordo com nossas observações etnográficas, era comum Moreira exercer fiscalização das *performances* de raça de Luan nas redes sociais *Twitter* e *Facebook*, principalmente em relação às fotos postadas por Luan (editadas pelo *Photoshop*), qualificando-as como tentativas de clarear a pele e de parecer branco. Em uma entrevista a respeito dessa questão, Luan declarou:

Pessoas conversam comigo na Internet e fala: olha o neguinho. Fala/criticam minhas fotos porque acham que neguinho é essa coisa que mostram na TV. Tipo o negro é pobre, feio, negro rouba. Acham porque me visto bem, sei debater com eles, discutir que quero parecer branco. Não sinto nenhuma ameaça sobre esse tipo de atitude com relação a minha cor. Eu levo na brincadeira, mas acho que ninguém esqueceu o tratamento dado aos negros de antigamente, eles acham que ainda existe uma raça superior. (Entrevista de Luan, 14/10/2011)

Tal declaração aponta o que Luan acredita ser o processo de racialização por parte de seus amigos na escola, no *Facebook*, *Twitter* e *Skype*. Aqui ele convoca sentidos socioculturalmente sedimentados sobre diferenças raciais e contesta os significados racializados impostos nas nomeações e estereótipos. A entrevista foi concedida ao final do ano letivo, quando a pesquisadora já possuía um relacionamento próximo e de confiança com Luan. Nessa etapa da pesquisa, ele já se sentia confiante para conversar livremente com a pesquisadora sobre as dificuldades que enfrentava nas interações virtuais e com colegas de classe.

<sup>12</sup> Nossa tradução de “[...] indexicality is the dimension of meaning in which textual features ‘point to’ (index) contextually retrievable meanings” (Blommaert; Maly, 2014, p. 4).

Em seguida, exploramos um momento interacional em que Luan negocia sentidos válidos sobre sua raça com Moreira. Apesar de o *Twitter* ter como objetivo ser uma conversa aberta entre todos os usuários, com base no questionamento “o que você está fazendo?”, Moreira faz uma pergunta direcionada a Luan. A interação ocorreu dia 21 de junho de 2011 e deve ser analisada de baixo para cima, ou seja, do *tweet* 1 ao 4.

**Excerto 3:** Interação no *Twitter* entre Luan e Moreira

tweet 4	Luan	@Moreira se não gosta de minha tonalidade, o problema é seu que tem mal gosto... Agora ficar me stalkeando...
tweet 3	Luan	MINHA RAÇA É FEITA DO JEITO QUE EU QUISER!
tweet 2	Luan	@Moreira eu não tenho vergonha da minha COR. Sou bonito pra CRL... TENHO ORGULHO DE SER NEGRO!
tweet 1	Moreira	@Luan Oi exu, vc tem preconceito contra vc, posta foto p/b para ficar bonito e negar sua cor?

Cada *tweet* é uma entextualização através da qual o enunciador (o tweeter) projeta um *footing* para si mesmo, ao mesmo tempo em que posiciona o outro e a si mesmo sobre o que estão discutindo. No *tweet* 1, Moreira interpela Luan com relação as suas *performances* de raça, questionando as postagens do jovem (posicionando-se como crítico das representações de Luan). Seu alinhamento inicial é sinalizado pela palavra “exu”, um dos mais representativos orixás das religiões de matrizes africanas e muito frequentemente associado, no senso comum e equivocadamente, ao demônio.<sup>13</sup> Tal escolha lexical indexa Luan tanto como negro e também como alguém que tem poderes diabólicos (para enfeitiçar). Além disso, Moreira entende como práticas de negação da negritude as fotos em preto e branco que foram embranquecidas quando editadas e compartilhadas nas redes sociais por Luan. As escolhas lexicais de Moreira sinalizam um discurso classificatório baseado em cores, através do qual ele aponta Luan como alguém que nega sua corporeidade negra, mas também tais escolhas podem sinalizar como Moreira é atraído (sexualmente) por Luan.

As enunciações de Moreira pressupõem que Luan publica fotos em preto e branco para se aproximar de um padrão estético da supremacia branca. Chama a atenção para discursos cristalizados de raça, transformando uma possível conversa descontraída sobre as fotos postadas por Luan em um motivo para o embate. Além disso, as palavras de Moreira apontam também que o constrangimento ao potencial transgressivo das *performances* de Luan está diretamente ligado ao que está socialmente estabelecido, no senso comum, como fatos naturais da corporalidade negra. Portanto, se Luan “falha” na conformidade aos discursos sedimentados de raça, ele de alguma forma precisará dar conta disso. Tal questão fica clara no *footing* de oposição que Luan projeta na interação: “MOREIRA eu não tenho vergonha da minha COR. Sou bonito pra CRL...TENHO ORGULHO DE SER NEGRO!” (*tweet* 2).

Na primeira parte da declaração, Luan age com assertividade, afirmando-se como alguém que não tem problemas com sua cor, sinalizado pelo uso do recurso em letra

<sup>13</sup> Para melhor compreensão da análise, é preciso considerar que o orixá Exu, das religiões de matrizes africanas, está fortemente ligado à história do negro na sociedade brasileira.

maiúscula da palavra “COR”. Ele também se define como muito bonito e escolhe um intensificador “CRL...”, que aparece também em caixa alta. A segunda parte da declaração, também em caixa alta, indica ainda a avaliação positiva de suas *performances* de raça. Luan entextualiza discursos que mobilizam práticas de autoafirmação racial para refutar a enunciação de Moreira, no *tweet* 1. Luan mostra sua consciência sobre o fato de que ele precisa estar pronto para responder aos discursos naturalizados sobre as corporeidades negras, reguladores do comportamento e das ações dos corpos negros. Ao fazê-lo, Luan legitima suas *performances* de raça pelas fotos publicadas em preto e branco e, simultaneamente, posiciona Moreira como ignorante, simplista e não refinado em relação às suas práticas identitárias.

Além disso, no *post* seguinte, quando Luan enuncia que “MINHA RAÇA É FEITA DO JEITO QUE EU QUISER” (*Tweet* 3), ele enfaticamente (observe as maiúsculas) indica que sua negritude não é um pacote pronto e que ela pode ser realizada fora da roteirização imposta pelo olhar de Moreira. Performativamente, Luan nos faz entender que não há um original de raça por trás de suas *performances*. Esse é um alinhamento reflexivo que chama a atenção para uma compreensão da raça como um efeito das práticas discursivas, do mesmo modo que Butler (1999) argumentou que gênero e sexualidade são *performances*.

No *tweet* 4, Luan também recorre a outros recursos semióticos que projetam uma posição de confronto. O item lexical “tonalidade” refere-se à sua corporeidade negra e é usado na frase “se não gosta de minha tonalidade, o problema é seu que tem mal gosto... Agora ficar me stalkeando...”. O uso do marcador de condição “se” em “Se não gosta da minha tonalidade, o problema é seu que tem mal gosto...” projeta um *footing* de indiferença da parte de Luan em relação à possibilidade de suas *performances* de negritude não agradarem (talvez sexualmente) Moreira. Além disso, o item “mau gosto” usado para predicar a preferência estético-sexual de Moreira também é uma indicação importante para entender o alinhamento de Luan em oposição aos discursos racializados de Moreira sobre beleza, que visam adequar Luan a posicionamentos estigmatizados. No entanto, como dito acima, Moreira pode estar realmente escondendo seu interesse sexual em Luan sob esse contra posicionamento de superfície.

Orientado por esse confronto, Luan refere-se a Moreira por meio do enunciado “Agora ficar me stalkeando” (*tweet* 4), que no contexto das interações *on-line* no Brasil significa vigilância exacerbada que uma pessoa (Moreira) faz a outra (Luan) sem motivos. Tal pista (Stalkear) indica como Luan entende o questionamento de Moreira a respeito de sua corporeidade negra como uma vigilância exacerbada e sem motivos. Essa é outra questão importante na compreensão de suas *performances*, porque mostra Luan utilizando de recursos próprios dos letramentos interacionais do *Twitter* (ao utilizar o item lexical “Stalkear”) na construção de um *footing* de contestação às *performances* de Moreira. Além disso, palavras como “tonalidade”, “raça”, “cor”, “negro”, assim como os enunciados “não tenho vergonha” e “tenho orgulho”, são utilizados repetidamente por Luan e sinalizam ênfase no questionamento que faz a Moreira.

Em seguida, passamos à consideração dos efeitos performativos das entextualizações de tais discursos em uma prática interacional no contexto escolar. Através do uso de um texto trazido para a sala de aula pelo professor de redação, Renan, Luan novamente negocia sentidos sobre sua corporalidade negra, beleza e processos de clareamento através do uso de discursos racializados.

## Uma interação em sala de aula

Nesta seção, examinamos uma prática de letramento escolar, na qual Luan, juntamente com outros estudantes, participa de uma atividade pedagógica proposta pelo professor Renan. A atividade exigia que os alunos discutissem diferentes textos (letras de música, piadas, artigos de notícias etc.), que focalizavam a busca humana pela beleza. A cada aluno foi dado um texto para leitura e para posterior apresentação dos pontos principais. O objetivo da atividade era discutir a insatisfação dos jovens com seus corpos e sua busca descontrolada pela beleza, bem como pelo corpo perfeito. O texto destinado a Luan para apresentação e discussão, era uma matéria retirada de um *site* de notícias, intitulada “Jamaicanos pobres colocam a vida em risco para ficar com a pele mais clara”. O texto tratava de uma prática comum entre pessoas negras das favelas de Kingston, capital da Jamaica, de utilizarem produtos químicos para clareamento da pele.

No excerto (4) abaixo, transcrevemos parte da interação sobre o texto de Luan, na qual a turma discute o caso da estrela pop, Michael Jackson, trazida para a discussão pelo professor ao ilustrar uma prática de clareamento da pele. Consideramos os efeitos performativos da entextualização do texto nessa prática de letramento e o modo como Luan, em conjunto com seus colegas de classe e o professor, renegocia as identificações raciais de Jackson. Entre outros participantes dessa interação, estavam Bruno e Janaína (estudantes que se posicionavam como negros), Renan (um professor branco) e Ari (um estudante branco). Veja o Anexo para convenções de transcrição.

### Excerto 4: Uma interação em sala de aula.

- 12 Renan: que exemplo grande a gente tem na mídia (.) dessa discussão?  
 13 Bruno: de pessoas pobres?  
 14 Renan: NÃO, de querer ficar branco.  
 15 Turma: ((silêncio seguido de fala tumultuada))  
 16 Turma: maycon jackson ((fala não identificada))  
 17 Bruno: maycon jackson  
 18 Renan: exatamente. foi doença, né? ele viveu essa situação.  
 19 uma coisa é a doença modificar a pele (.)  
 20 mas porque ele fez cirurgia pra mudar o formato do nariz?  
 21 Janaina: PORQUE BRANCO NÃO TEM NARIZ GRANDE  
 22 Renan: EXATAMENTE. então, no fundo ele pode ter se aproveitado da doença, né?  
 23 Luan: eu acho que foi a doença mesmo. ele se orgulha de seu sangue africano  
 24 Turma: @@@@  
 25 Luan: foi o vitiligo  
 26 Renan: será? ((fala tumultuada))  
 27 ele fez tantas plásticas e no final não era a mesma pessoa=  
 28 Ari: =afinou o nariz  
 29 Luan: foi a doença mesmo  
 30 o povo critica >porque sempre acha que o negro quer parecer branco<

Como a interação no *Twitter*, é preciso destacar que, quando um participante projeta um *footing* para si mesmo, ele / ela também posiciona seu interlocutor e a si próprio em relação ao que está sendo dito. Entre as linhas 12 e 22, Renan, ao desenvolver a discussão sobre o texto lido por Luan, apresenta como exemplo as transformações corpóreas do cantor pop americano Michael Jackson. Nas linhas 18-20, Renan recorre a perguntas retóricas “foi a doença, né?” (l.18) e “uma coisa é a doença modificar a pele (.) mas por que ele fez cirurgia pra mudar o formato do nariz?” (l. 19 e 20). Nessas questões, o emprego do item lexical “doença”, usado em referência às mudanças ocorridas na pele do cantor é usado em oposição ao item lexical “cirurgia”, que se refere às modificações intencionais que Jackson realizou. Essas pistas linguísticas sinalizam uma situação de ambiguidade em relação ao branqueamento da pele do cantor, que projeta *footings* de dúvida e de desconfiança para Renan ou talvez um *footing* de reflexividade. Pode-se dizer que Renan adota uma interpretação que justifica a despigmentação da pele de Jackson por causa do vitiligo; no entanto, a cirurgia plástica no nariz indica que o artista queria seguir os cânones estéticos da branquitude.

Essa construção semiótica parece ter sido entendida por Janaína. Ratificando o *footing* do professor, ela afirma: “PORQUE BRANCO NÃO TEM NARIZ GRANDE” (l. 21). O volume mais alto na expressão da sentença é uma pista que mostra o grau de certeza que a jovem tem com relação ao seu próprio ponto de vista. No Brasil, a cor da pele, a textura do cabelo e a forma do nariz são elementos culturalmente compartilhados que constroem pessoas como negras ou brancas. Janaína, uma garota negra, está familiarizada com esses signos e em um *footing* de animadora entextualiza discursos que ratificam visões essencialistas da negritude. Renan, em concordância e em volume elevado, afirma EXATAMENTE (l. 22) e alinha-se ao ponto de vista de Janaína, ratificando o discurso que ela faz. Imediatamente depois, Renan finaliza seu argumento enunciando “então, no fundo ele pode ter se aproveitado da doença, né?” (L. 22). Nesse turno, Renan constrói um *footing* de desconfiança com relação ao fato de Michael Jackson ter usado a doença como desculpa para suas plásticas e o clareamento total da pele. Simultaneamente, Renan, que é um homem branco, constrói o cantor performativamente como alguém que nega sua negritude. Em seu argumento, Renan se apropria de discursos midiáticos, nos quais se supõe que Michael Jackson queria parecer branco e, ao mesmo tempo, Renan sinaliza uma matriz racial que serve para medir quem é e quem não é negro de verdade.

No entanto, contrariando o alinhamento de Renan e defendendo as *performances* de Michael Jackson, Luan projeta um *footing* avaliativo, sinalizado pelo modalizador epistêmico “eu acho” presente na assertiva “eu acho que foi a doença mesmo” (l. 23). Luan também recorre a uma afirmação avaliativa em “ele se orgulha de seu sangue africano” (l. 23) para redefinir as *performances* de Michael Jackson projetando para o cantor um *footing* de pessoas que não nega sua raça e realmente se sente orgulhoso disso. Além disso, os itens lexicais “sangue africano” apontam para a ascendência africana do artista e para discursos sobre raça que remetem à origem de um grupo pelo sangue. Nessas entextualizações, Luan racializa as *performances* do cantor em contestação ao posicionamento de Renan sobre Jackson como alguém que nega sua raça.

Nesse jogo argumentativo, as risadas dos alunos, no próximo movimento interacional (l. 24), são sinais não-verbais que indicam um *footing* de zombaria em relação às palavras de Luan. No entanto, Luan não parece estar incomodado e continua seu

argumento, enfatizando que a aparência branca de Michael Jackson foi provocada pelo vitiligo (l. 25). A assertiva “foi o vitiligo” (l.25) assinala uma modalização epistêmica que projeta um *footing* de alguém que está familiarizado com a vida e as *performances* de Michael Jackson. A declaração de Luan indica que o jovem parece ter certeza de que foi a despigmentação pela doença que causou o problema Jackson, novamente enfatizando seu posicionamento em defesa do cantor. Em seguida, Renan através da pergunta “será?” (L. 26) projeta um *footing* de desconfiança que mais uma vez sinaliza a ideia de que a doença do vitiligo era apenas uma desculpa para as mudanças no corpo do cantor. Na construção de seu argumento, o professor Renan ainda afirma que “[Jackson] fez tantas plásticas e no final não era a mesma pessoa” (l.27). Em um *footing* avaliativo, Michael Jackson é redefinido como uma pessoa diferente do que ele era no início de sua carreira por conta das “tantas plásticas”, em referência aos processos cirúrgicos intencionais que ele enfrentou. A esse argumento, Ari também acrescenta “=afinou o nariz” (l.28), em referência às plásticas realizadas pelo cantor e enfatizando novamente que Michael Jackson não parecia satisfeito com sua corporeidade. O movimento interacional contíguo parece sinalizar o apoio de Ari ao *footing* de Renan.

Na interação seguinte, Luan utilizando-se da assertiva “o povo critica >porque sempre acha que o negro quer parecer branco<” (l.30) novamente reintegra seu alinhamento em defesa das *performances* de Michael Jackson. O uso com ênfase do enunciado “o povo critica” sinaliza o exercício do poder na construção social do corpo negro. Além disso, a escolha lexical “sempre” indica que os corpos negros estão sendo continuamente disciplinados.

Vale dizer ainda que, nessa interação, o professor Renan entextualiza discursos racializados que pressupõem que as *performances* de raça de Jackson estão restritas aos componentes: cor de pele, lábios grossos e formato de nariz. Nessa articulação, o que está em jogo são discursos cristalizados sobre diferenças raciais, derivados de visões que restringem as identificações de raça a características fenotípicas (cor da pele, textura do cabelo e formato do rosto e corpo), compreendidos como típicas das negritudes. Por não corresponder a tais identificações, as *performances* de Michael Jackson são interpretadas como *performances* de uma pessoa que nega sua raça. As lutas sobre as identificações do cantor são performativas porque envolvem a entextualização de discursos sedimentados, mas também novos significados em fricção. Intimamente ligado à dimensão performativa da linguagem, o fenômeno da entextualização sinaliza que, na repetição de textos que se tornaram ossificados na cultura, novos significados nascem, dado que, no processo de recontextualização, os textos sempre adquirem novas nuances significativas. Nessa ação discursiva, Luan vê-se compelido a responder ao performativo circulante em sociedade que pressupõe a existência de uma raça “verdadeira” e um modo específico de ser essa raça, sob o olhar da branquitude. Tal posição implica que, sob outros olhares, significados alternativos para a negritude são possíveis.

Enquanto negocia sentidos válidos nessa prática discursiva, Luan simultaneamente constrói suas próprias identificações de raça. Ele se alinha em defesa das *performances* do cantor, opondo-se ao argumento de que o cantor negava sua raça. Na prática de desenvolver uma atividade escolar, Luan racializa as *performances* do cantor como forma de contestar os *footings* projetados sobre Michael Jackson. Ao contestar tais *footings*, Luan reafirma seu próprio posicionamento como um jovem

negro, constantemente regulado pelo olhar hegemônico das identidades raciais. Ele faz isso recorrendo a desafiadoras entextualizações de discursos raciais hegemônicos, que sinalizam dimensões alternativas para o que os negros são.

## Uma palavra final

O presente artigo propôs apresentar como Luan, participante focal da referida pesquisa, construía suas *performances* de raça por diferentes contextos interacionais. Com esse propósito, observemos a entextualização de discursos raciais no *Twitter* e na escola, focalizando principalmente o modo como lidava com o sentido de corpo, padrões de normatividade, estereótipos sociais e alteridades marginalizadas na negociação de suas *performances* identitárias. Buscamos focalizar as lutas *performativas* e a construção de sentidos considerados válidos em suas práticas discursivas, dando atenção ao que chamamos de entextualizações criativas, ou seja, às brechas que Luan encontra para reorganizar os significados relacionados às práticas em que ele se engaja.

Em resposta a esse objetivo, podemos dizer que as identificações de Luan são marcadas por estereótipos baseados em discursos cristalizados sobre diferenças raciais, que operam na construção de uma relação entre negritude-feiúra e negritude-autonegação que ele desafia. Tal combinação coloca em cena o jogo de construção das identificações de Luan, baseados em uma matriz racial de inteligibilidade que se revela sob a constante disciplina dos corpos negros.

Nas interações no *Twitter*, Luan é questionado sobre sua raça por causa das fotos em preto e branco publicadas. As enunciações de Moreira pressupõem que Luan publica essas fotos para se aproximar de um padrão estético da supremacia branca. Nesses movimentos interacionais, a pergunta “Oi exu, vc tem preconceito contra vc, posta foto p/b para ficar bonito e negar sua cor?” (cf. excerto 3) é utilizado por Moreira em referência à encenação das *performances* de Luan como garoto negro sensual e gay naquela interação. Tais enunciações apontam para uma escala macrossocial, expressa pela entextualização de discursos cristalizados e hierarquizados, que situam a corporeidade do jovem como inferior. Moreira entextualiza discursos cristalizados que racializam significados sobre beleza e estabelecem para Luan posições estigmatizadas, que diminuem socialmente suas *performances* de gênero/sexualidade e raça no *Twitter*. Luan responde a tais discursos através da auto-racialização por meio de práticas de afirmação racial, que ecoam discursos estrategicamente essencialistas. A enunciação “TENHO ORGULHO DE SER NEGRO” (excerto 3) produz tais discursos por meio de um *footing* de oposição e de assertividade que Luan produz na valorização de sua raça e na contestação da vigilância sobre suas *performances*. Tais posturas reflexivas, que aumentam a fricção entre discursos, abrem espaço para a projeção de novos significados.

Por isso, é relevante chamar a atenção para as *performances* inovadoras que Luan encena desafiando significados pré-figurados que criam roteiros para corpos negros, indo além dos discursos de essencialismos estratégicos que foram anteriormente indexados por ele. No jogo interacional de construir participação nessas redes sociais, Luan enuncia “MINHA RAÇA NEGRA É FEITA DO JEITO QUE EU QUISER!” (cf. excerto 3). Nessa enunciação ele faz uso de entextualizações criativas de discursos que perturbam determinados significados sobre quem ele é. Em outras palavras, não há nenhum original para as suas identificações raciais.

A análise focalizou também as práticas interacionais de Luan no contexto escolar. Ao discutir um texto trazido para a aula pelo professor de redação, Luan mais uma vez negocia sentidos sobre corporalidade negra, beleza e embranquecimento. Ele faz isso através da entextualização de discursos racializados que interpelam as práticas de encenação das *performances* de raça do cantor pop Michael Jackson. Enquanto negocia sentidos válidos nessa prática, Luan constrói coletivamente suas identificações de raça. O jovem se alinha em defesa das *performances* de Michael Jackson, contestando argumentos de que o cantor negava sua raça. Na composição de seu argumento, Luan racializa as *performances* do cantor como forma de contestar os *footings* projetados sobre Michael Jackson. Ao defender as *performances* raciais do cantor, ele também reafirma a sua própria posição como um jovem negro, que é regulado pelo olhar das hegemonias raciais, sinalizando que tais alternativas estão fora de significados dados.

De acordo com Butler (1990, p. 34), a “coerência” e a “continuidade” dos sujeitos sociais não é uma característica lógica da condição de pessoa, mas, ao contrário, é uma norma de inteligibilidade construídas e mantidas socialmente. Isso significa que as identificações construídas nos embates performativos aqui examinados são modos de construir uma corporeidade supostamente negra, com base em discursos cristalizados sobre o que é ser negro em nossa sociedade de supremacia branca. Entretanto, essas práticas discursivas estão sempre suscetíveis a falhas e a citações descontextualizadas, uma vez que as repetições nunca são as mesmas (PENNYCOOK, 2007). Nesse sentido, entextualizações criativas podem surgir trazendo significados novos e imprevisíveis. Assim Luan, mesmo inundado em estereótipos, pôde contestar e transgredir uma matriz racial de inteligibilidade da raça que opera sob a vigilância constante dos corpos negros. Nessa inter-relação, algumas rupturas atuam micropoliticamente (FOUCAULT, 1979), criando novos significados sobre a raça. Essas ações também podem ser entendidas como uma política alternativa de identidade, uma vez que constituem estratégias discursivas por meio das quais o jovem pode construir novos roteiros sociais legítimos para seu corpo.

Ao seguir as trajetórias textuais sobre raça geradas por Luan em dois espaços sociais diferentes, no *Twitter* e na escola, o estudo chamou a atenção para como essas arenas são locais de luta performativa e como são cruciais na observação etnográfica dos significados que norteiam as práticas cotidianas de muitos jovens. A análise dessas duas práticas discursivas torna visível questões relevantes relacionadas à produção, à circulação e à interpretação dos significados raciais na vida contemporânea, mostrando que *performances* identitárias inovadoras co-ocorrem com os essencialismos na luta pela construção quem somos.

Além disso, as identificações e os alinhamentos em defesa das *performances* raciais de Michael Jackson na escola estão fortemente relacionados às lutas discursivas que Luan encena em suas interações *on-line*, como se mostrou nas análises acima. Esse é um dos aspectos que nos interessa na observação das *performances* identitárias de Luan, porque mostra como a experiência de construção de sua corporalidade negra é produzida por embates de diferentes vozes sociais e atravessamentos identitário-discursivos múltiplos. Foi possível observar que os textos produzidos por Luan nas práticas interacionais no *Twitter* e na sala de aula estão em complexa inter-relação.

Através desta pesquisa etnográfica multissituada, esperamos ter apontado e exemplificado como as pessoas, em suas vidas translocais contemporâneas, podem cada vez

mais ter a possibilidade de contestar significados essencialistas e de reescrever quem são ou quem podem ser, apesar da existência de discursos contrários. Isso foi possível porque o formato desta pesquisa tentou captar como, em espaços globalizados, as pessoas estão superando os limites de um único espaço e fazendo conexões de significado através de um número infinito e diversificado de potenciais práticas interacionais e discursivas. Essas conexões nos permitem vislumbrar como fenômenos aparentemente diferentes e distantes estão conectados através de vários nós na construção de significados translocais. Tal vislumbre, por sua vez, implica a necessidade de revisar as categorias teórico-analíticas localizadas e os formatos das pesquisas que tradicionalmente definem a agenda dos estudos aplicados à linguagem. É na esperança de se abrir as portas para um novo olhar sobre a observação das práticas interacionais que são cada vez mais translocais e constitutivas do nosso mundo móvel que este estudo pode contribuir.

Além disso, em última análise, este estudo destaca como os chamados significados da "periferia" são cada vez mais translocais e só podem ser abordados no fluxo da vida social, como aqui feito. A vida móvel na "periferia" enfocada neste estudo pode ser referida como representativa do que Santos (2008, p. 32) definiu como "cosmopolitismo subalterno", ou, como preferimos, como "cosmopolitismo alternativo", que em uma perspectiva de uma globalização contra-hegemônica explode as fronteiras tradicionais entre "centro" e "periferia". Essa explosão é visível nas práticas móveis através de redes sociais *on-line* / *off-line*, nas quais Luan convoca os significados sobre quem ele está sendo no aqui e agora.

## REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: Cultural dimensions of globalization**. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1996.
- BARNARD, Ian. **Queer race**. Bern: Peter Lang, 2004.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and **performance** as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, 19, pp. 59-88. 1990. doi 10.1146/annurev.an.19.100190.000423.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.
- BLOMMAERT, Jan. **Discourse**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. DOI 10.1017/CBO9780511610295.
- BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. doi 10.1017/CBO9780511845307.
- BLOMMAERT, Jan; MALY, Ico. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. **Tilburg Papers in Culture Studies**, 100, pp. 1-28. Tilburg: Tilburg University, 2014.
- BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. Language and superdiversity: A position paper. **Working Papers in Urban Language & Literacies**, 70 (14), pp. 1-22. King's College London, 2011.
- BUCHOLTZ, Mary. The politics of transcription. **Journal of Pragmatics**, 32, pp. 1439-1465, 2000. doi 10.1016/S0378-2166(99)00094-6.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. New York, NY: Routledge, 1990.
- COLLINS, James. Indexicalities of language contact in an era of globalization: Engaging with John Gumperz's legacy. **Text & talk**, 31(4), pp. 407-428. 2011. DOI 10.1515/text.2011.020
- COSTA DE PAULA, Rogéria. **"Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!"**: Performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento. 2010. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOFFMAN, Erving. **Footing**. In: RIBEIRO; B.T.; GARCEZ, P. M. (ed.). **Sociolinguística interacional: Antropologia, linguística e sociologia em análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, 2002. pp. 107-148.
- GUIMARÃES, Antônio S. Como trabalhar com "raça" em sociologia. **Educação e Pesquisa**, 29(1), pp. 93-107. 2003. doi 10.1590/S1517-97022003000100008.

- GUIMARAES, Thayse F. **Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais: uma etnografia multissituada**. 2014. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- GUIMARÃES, Thayse F.; MOITA-LOPES, L. P. **Entextualizações estratégicas: Performances sensualizadas de raça em práticas discursivas na web 2.0. Linguagem em (Dis)curso**, 16(2), pp. 289-307, 2016.
- GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO; B.T.; GARCEZ, P. M. (ed.). **Sociolinguística interacional: Antropologia, linguística e sociologia em análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, pp. 98–119, 2002.
- MARCUS, George. E. Ethnography in/of the world system. The emergence of multisited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, 24, pp. 95-117, 1995. DOI 10.1146/annurev.an.24.100195.000523
- PENNYCOOK, A. **Global Englishes and transcultural flows**. London: Routledge, 2007.
- PRECIADO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Preciado. [Entrevista cedida a] Jesús Carrillo. **Revista Poiésis**, 15, pp. 47-71, 2010.
- SANTOS, Boaventura S. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. **Travessias**, 7(6), pp. 15-36, 2008.
- SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. (ed.). **Natural histories of discourse**. Chicago, IL: The University of Chicago Press, 1996.
- SOMMERVILLE, Siobhan B. **Queering the color line: Race and the inventions of homosexuality in American culture**. Durham, NC: Duke University Press, 2000.
- SULLIVAN, Nikki. **A critical introduction to queer theory**. New York, NY: New York University Press, 2003.
- BLOMMAERT, Jan; VARIS, Piia. Conviviality and collectives on social media: Virality, memes, and new social structures. **Tilburg Papers in Culture Studies**, 108, pp. 1-21, 2014.
- WITTEL, Andreas. Ethnography on the move: From field to net to internet. **Forum: Qualitative Social Research**, 1(1), pp. 21-41, 2000.
- WORTHAM, Stanton. **Learning identity: The joint emergence of social identification and academic learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

Recebido em 20/08/2020

Aceito 18/10/2020

## ANEXO

Adaptado de Bucholtz (2000).

(.)	pausa menos de um segundo
CAPITALS	volume mais alto
> texto<	fala mais acelerada
((texto))	marcações da cena, comentários do transcritor
<u>texto</u>	ênfase no som
,	subida leve na entonação (entonação contínua)
?	subida rápida na entonação (entonação ascendente)
!	ênfase forte na entonação descendente
@@@	risada
.	Entonação ascendente
fala =	turno de fala contíguos (sem lapso de tempo interveniente)